

HERANÇA DE UM SONHO: AS MEMÓRIAS DE UM COMUNISTA, DE MARCO ANTÔNIO TAVARES COELHO

Anita Simis*

Felizmente Marco Antônio vem nos brindar com suas memórias. Não apenas por se tratar do relato da vida de um dirigente comunista que se dedicou desde a juventude a pôr em prática os ideais propagados pelo Partido Comunista Brasileiro, mas porque revela, e em bom português, as agruras de quem sobreviveu às masmorras da ditadura militar.

A grande dificuldade para um resenhista dessa obra é elencar as entradas mais interessantes para que o leitor se sinta convidado a percorrer as quinhentas páginas nas quais é apresentado um painel da política brasileira, especialmente das décadas de 40 a 80, revisitadas pela memória de quem se formou em direito, mas exerceu muito tempo a profissão de jornalista, de quem militou no Partidão e chegou a membro do Comitê Central.

Seguindo um roteiro cronológico, desde o início percebemos que o autor, ao recordar os vestígios de sua infância, retratando as suas origens, sublinha a importância das relações familiares. Laços que revelam uma característica da tradicional organização familiar mineira e cuja solidariedade será, ao longo de todo o livro, sempre sublinhada.

Mas o início carregado de lembranças mostradas como se fossem fotografias amareladas também se caracteriza por outro aspecto: buscar no passado o que o poderia ter marcado de forma indelével, o que o levou a se tornar um rebelde, “um inconformado com as injustiças sociais” e o conduziu a uma trajetória surda ao conselho inutilmente repe-

tido de sua mãe: “você não pode ser a palmatória do mundo [...]”.¹

Ainda juvenzinho, pelas mãos de Darci Ribeiro abraça a causa comunista e nos convida a conhecer o fantástico círculo de intelectuais e personalidades dos mais diversos meios da política brasileira e estrangeira dando-nos a dimensão de uma vida intensa com a primazia do diálogo que procura trançar os meios para transformar a realidade.

Vale a pena apontar uma passagem da sua iniciação no trabalho de reorganização do Partido Comunista em Minas no período de 1943 a 1945. Os militantes descobriram que maçons e kardecistas podiam ser arregimentados, os primeiros porque “possuíam uma tradição de apoio solidário e de resistência ao obscurantismo clerical. E entre os kardecistas talvez porque, como os maçons, também eram discriminados e marginalizados no universo reacionário de Minas”, mas, como um deles afirmou, com uma diferença: “vamos juntos na caminhada contra as injustiças; mas, nós, espíritas, vamos mais longe, pensamos também no outro mundo, no além-túmulo”. Iniciando seu aprendizado no diálogo da tolerância, Marco Antônio não replicou.² Ao reavaliar o período, conclui que raros



* Professora doutora da Unesp/Araraquara e pesquisadora do CNPq.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.16.v0n34.2189>

eram os que aderiam ao Partido pelos princípios marxistas, pois “acima de tudo, se ingressava no PCB por razões éticas”.³ É, aliás, essa falta de um cimento ideológico que anos depois levaria a direção do Partido a um trabalho de “educação” dos militantes. E esse trabalho, realizado na clandestinidade e em diversos estados do País, é revelado com todos os seus segredos, descuidos e riscos por Marco Antônio.

Esperemos, contudo, que um dia também venham à tona as memórias dos membros do Comitê Central que acompanharam a conjuntura a partir de 1975 de fora do país.

Mas o curto período de legalidade das atividades dos comunistas também é instigante, afinal significava um passo no desconhecido. Como dar nova face a militantes como Armando Ziller que, de mero dirigente sindical dos bancários, ficou conhecido como a principal figura comunista de Minas? E, principalmente, como enfrentar a prova dos nove das eleições para presidente?

Para aqueles que pretendem rever o passado, a leitura indica didaticamente diversos momentos de autocritica. É o que ocorre quando Marco Antônio revela o trato não cumprido com o PSB. Os socialistas admitiram a candidatura de Orlando Bonfim em 1947 com o PCB na ilegalidade. Mas, como só se elegeria um único vereador em Belo Horizonte, o acordo previa que, se Bonfim fosse eleito, renunciaria na metade do mandato para que um socialista assumisse a vereança. Assim, rompido o acordo, perdia-se a seriedade, pois ainda não havia, como assinala Marco Antônio, “a compreensão da relevância de uma política de frente única”, que só veio a predominar na década de 50. E se já existem outros autores que produziram obras de cunho acadêmico sobre o oportunismo, a intransigência, a instrumentalização, o obreirismo, nestas memórias, a autocritica tem sabor e muitas vezes contribuem para alfinetar atuações não tão distantes:

Como dirigente municipal, enveredei por um caminho desastrado. Isto porque começara a ler trabalhos de Lenin, como *Que fazer?* e *Um passo adiante, dois passos atrás* e concluí ser indispensável transplantar para o Partido em Belo Horizonte lições de Lenin derivadas de experiências da luta na Rússia. Ou seja, pretendia bolchevizar aquele aglomerado de recém-chegados ao Partido na capital mineira.

Hoje, tão distante daqueles dias, penso ser mais freqüente do que se imagina a repetição da loucura, mansa ou não, do personagem de Cervantes, em conseqüência de leituras mal digeridas.⁴

Evidentemente, não faltam nas memórias as passagens que narram, sem teorizar, como foi assimilada a divulgação do informe secreto de Kruschov pela imprensa dos EUA, da revolta na Hungria e a intervenção da URSS nesse país.

Também estão descritas as viagens realizadas a diversos países, inclusive africanos, seja participando de festivais, seja intermediando contatos. Mas no final dos anos 50, a vida de Marco Antônio começa a tomar outro rumo a partir de uma nova “missão”: coordenar os trabalhos da Assessoria Técnica Parlamentar. Essa atividade, que exerceu de 1959 a 1962, muito contribuiu para sua destacada atuação como deputado federal.

Sem dúvida, é um livro utilíssimo para os jovens que, muitas vezes no afã de compreender um período ainda pouco explorado, principalmente nas escolas, confundem períodos históricos e às vezes creditam o fim dos anos negros à simples menção do início do governo Geisel, esquecendo-se da luta interna que naquele governo se travou despejando cadáveres que aos poucos puderam ser revelados com gritos de protestos. Que certamente deixará sem ar os leitores que em 1975 sofreram a angústia da falta de informação sobre as prisões, que leram a carta de sua mulher, Terezinha, contundente, corajosa e emotiva publicada no *Estadão* (e reproduzida em parte no livro) e viram na televisão as imagens de um dirigente emagrecido, mas vivo (cuja capa contém um fragmento).

A narração dos quase quatro anos passados em várias prisões é apresentada com a reprodução de cartas escritas na própria época, dando um testemunho dos sofrimentos, e formam imagens tão contundentes a ponto de deixar o leitor atordado.

Enfim, sem querer aqui inventariar cronologicamente todas as referências significativas da trajetória vivida por Marco Antônio, poderíamos, no entanto, levantar ainda diversos pontos relevantes dentro do debate da esquerda em geral. Por exemplo, é com discrição que o autor avalia a atuação das outras organizações de esquerda, especialmente aquelas que empregaram a luta armada como forma de ação. Fazendo um balanço das teses do V Con-



Foto: Acervo Marco Antônio Coelho

Reunião com lideranças de estivadores, marítimos e operários navais durante a campanha eleitoral no Rio, em 1962.

gresso do Partidão, reconhece os acertos da “luta diuturna pela organização paciente de milhões de pessoas”, embora “desprovida de acontecimentos emocionantes e dramáticos”, política que ainda hoje é vista sem objetividade, ou ao menos com muita reticência, e ainda pouco explorada no que diz respeito aos anos 60-70.⁵ E da mesma forma irá se referir ao questionar as teses de Guevara, Mariguela e “outras lideranças radicais”. “Apesar de não concordarmos com aquelas ações, protestávamos contra o massacre desses combatentes [...] auxiliando-os inclusive a se refugiar e a sair do país.”⁶

E, para não cairmos na resenha laudatória, com o evidente desconto de que a obra é uma autobiografia e, portanto, seletiva ao gosto do autor, chama a atenção a falta de uma referência mais extensa sobre a trajetória do deputado Marco Antônio. Embora seu mandato tenha sido de apenas treze meses de efetivo exercício, sua atuação no debate sobre a reforma agrária foi destacada pela imprensa. Mas, nas poucas passagens encontradas no livro, esse assunto é abordado tangencialmente, e a impressão que fica é a de um deputado conhecedor das correlações de força em jogo.

Por outro lado, causa espanto que o conteúdo de toda a fase de clandestinidade, especialmente do pós-64 até a sua prisão, seja recheado com detalhes inéditos sobre os famosos “aparelhos”, as pessoas que colaboraram, os contatos, o trabalho realizado. Isto é, sejamos francos, ali estão citados todos aqueles que simpatizaram, atuaram, militaram, enfim uma lista de pessoas vivas ou já falecidas que, se não

foram reveladas sob a tortura, estão prontas para entrar para os arquivos do antigo e sempre vivo serviço de inteligência. Muitos podem retorquir que vivemos uma democracia e é preciso rever a história, mas a história, para usar de um chavão, dá voltas.

Ao revés, nota-se que o relato é quase lacônico no que diz respeito à vivência de Marco Antônio com alguns dirigentes. Ao menos no caso de certos companheiros mais próximos, e refiro-me especialmente a Marcos Jaimovitch, essa lacuna nos sugere que, apesar de não haver um momento em que possa ser revelado algum tipo de rancor, ressentimento, é de se destacar que a covarde expulsão desse dirigente do PCB, seja no livro referida de maneira tão tranquila e de passagem.

Esperemos, contudo, que um dia também venham à tona as memórias dos membros do Comitê Central que acompanharam a conjuntura a partir de 1975 de fora do país. É lamentável que Prestes em suas memórias tenha apenas afirmado que Marco Antônio deveria ter-se suicidado. E o que explica sua atitude para com outros, que foram presos e torturados, ao barrar a obtenção de exílio em países socialistas no aguardo da anistia? Esperemos pacientemente que um dia outras imagens do passado possam desvendar as muitas lacunas desse período ainda recente.

NOTAS

- ¹ Cf. Marco Antônio Tavares Coelho, *Herança de um sonho: as memórias de um comunista* (Rio de Janeiro: Record, 2000), p. 34.
- ² *Ibid.*, p. 57.
- ³ *Ibid.*, p. 58.
- ⁴ *Ibid.*, p. 93.
- ⁵ *Ibid.*, p. 211.
- ⁶ *Ibid.*, pp. 357-358.



Foto: França/Agência JB

Depoimento de Marco Antônio Tavares Coelho na 2ª Auditoria da Justiça Militar, em São Paulo, junho de 1975. De costas, o auditor Nelson Guimarães; e ao fundo, à esquerda, o advogado Mário Simas.